

# Vila Franca e a Festa das Rosas

ALBERTO A. ABREU

1. Juntamente com Mazarefes e Subportela, Vila Franca situa-se num ridente alvéolo da margem esquerda do Lima. Foi esse alvéolo, situado entre o conjunto montanhoso Galeão-Ola a Oeste e o Alto de Deão a Leste, ocupado pelos homens de um modo bastante original. Talvez por isso ainda hoje as suas populações formem uma comunidade de trocas matrmoniais, com individuação relativamente quer a Darque, povoação c «ceboleiros», isto é orientada para Viana do Castelo cujo anel agrícola integravam<sup>1</sup>, quer às aldeias de Deão e Deocriste, que desde a Idade Média e ainda no fim do século XVIII integravam o julgado de Aguiar<sup>2</sup>.

O tipo de povoamento referido tem a ver com três aspectos originais, que são os seguintes: um vaivém de fluxo e refluxo pela vertente do Monte de Roques, uma cristianização hispanizante e monástica, e um repovoamento com transferência de populações.

O povoamento romano e alti-medieval deste alvéolo deve estar relacionado com o enorme Castro de Roques ou do Santinho, que é um dos maiores de Portugal e do Noroeste da Península, e com os castros agrícolas com ele relacionados<sup>3</sup>. Num movimento de fluxo, neste caso de descida, as populações foram-se estabelecendo em cotas cada vez mais baixas, aproximando-se do rio. Foram agricultando a encosta progressivamente até chegarem junto do rio, e foi junto do rio que, uma vez cristianizados, erigiram as suas igrejas: de S. Simão da Junqueira, de

---

\* Texto da apresentação da Festa das Rosas, feita para o Centro Nacional de Cultura, no Instituto Politécnico de Viana do Castelo, em 1992-05-08.

1. Cfr. Abreu 1987: 15.

2. Abreu 1986: figs. 16-22.

3. Neves 1959; Cunha 1989; C. A. Brochado de Almeida 1990: 31-38.

S. Pedro de Cortegaça e de S. Miguel de Ceguelos. S. Miguel de Ceguelos é a actual igreja de Vila Franca, que assim se chamava no século XII. Em S. Simão, aparecem elementos arqueologicamente datáveis do período moçárabe (séc. IX-X), como é o caso de alguns silhares com enxaquetado. Mas, no fim do século XI, já a igreja se chamava de S. Simão da Junqueira, por a humidade ter inçado de juncos as imediações da igreja. Daqui podemos concluir que este movimento de refluxo é contemporâneo da Reconquista, que estabeleceu no monte de Roques o castelo roqueiro de S. Veríssimo<sup>4</sup> ainda referido em 1190<sup>5</sup>. Sabemos que o rio Lima, que corre num vale de fractura, mudou de leito: a parte romana da ponte de Ponte de Lima, por exemplo, está hoje a seco e foi necessário ampliá-la para Sul na Idade Média, para correr sobre o *talweg*; em Darque sabemos, pelas referências do século XVIII, que a capela da Senhora das Areias já chegou a ser banhada pelo Rio Lima<sup>6</sup> e que antes das obras do porto se encontrava distante dele cerca de 100 metros. Por outro lado, este movimento de flexura tem-se vindo a acentuar<sup>7</sup>, e as águas do rio foram pendendo cada vez mais para a margem esquerda. O resultado foi um progressivo abandono do povoamento ribeirinho e um refluxo populacional de subida da encosta, instalando novas igrejas na orla de soto: da Junqueira passou para Mazarefes; de Ceguelos para Figueiredo e de Cortegaça para Subportela. Portanto, se se desceu do monte até ao século X, a partir de então as populações começaram a afastar-se do rio até mais tarde terem que levar as igrejas consigo.

A cristianização deste alvéolo não deve ter tido tanto a ver com a acção dos *domini uillarum*, portanto dos senhores das vilas, como noutros locais. Nesses outros locais, eles fundavam oratórios nas suas *uillae* com relíquias de santos vindos do Oriente, portanto de mártires orientais. Assim aconteceu com Santa Cristina da Meadela e Afife, Santa Marta, Santa Marinha de Carreço e Forjães, S. Mamede, etc. Todos estes são mártires orientais. Alguns dos muitos peregrinos que iam ao Oriente trouxeram relíquias deles que ofereceram aos senhores. E estes iam erigindo basílicas em honra desses mártires, de cujas relíquias tinham passado a dispor.

Mas, neste alvéolo, deve ter sido particularmente importante, não a acção dos senhores mas a acção monástica. Na vizinha freguesia de Vila

---

4. C. A. Ferreira de Almeida 1978: 40; a partir de Costa 1959: I, 342 n.7;

5. Costa (1965): III, 285 e 287 (*Liber Fidei*, docs. 850 e 853);

6. Abreu 1987: 7,15.

7. Abreu (1987): 15-18.

Fria, foi recentemente estudado um mosteiro rupestre do século VII<sup>8</sup>. Em Vila Franca, há um lugar chamado Mosteirô, cujo nome lhe vem de ter sido sede de um pequeno cenóbio não sabemos de que tipo nem de que regra. (Nem me repugna relacionar com os monges a difusão do culto a S. Miguel que é o orago de Vila Franca, arcanjo ligado ao culto dos mortos, já que, na fronteira freguesia de Perre, com o mesmo orago havia um mosteiro rupestre no Castro do Vieito<sup>9</sup>). Este mosteirô (pequeno cenóbio) poderá ser o ascen/descendente dum refúgio eremítico do Monte de Roques<sup>10</sup>.

Por outro lado, os santos venerados neste alvéolo são, além de S. Miguel, já referido, os apóstolos S. Pedro e S. Simão, contíguos a S. Pedro de Deão, o que leva a pensar num cristianismo mais erudito ou menos popular, se se preferir esta designação. A concordar com esta tese, vem o culto a mártires hispânicos: S. Veríssimo, mártir de Lisboa<sup>11</sup> epónimo do castelo roqueiro de Roques, que assim era denominado na Idade Média<sup>12</sup>; S. Silvestre, mártir que acabou por se referir a Bracara<sup>13</sup>, o «santinho» que deixou como pegada uma soleira de porta castreja. (Com efeito, contam as pessoas que, no alto do monte de Roques, S. Silvestre, de costas voltadas para o rio, lançou a bengala para trás das costas e ela foi parar ao monte fronteiro do lado de lá do rio, em Cardielos. Deste acto teria ficado, como testemunho, no alto do monte de Roques a pegada do Santinho e a *fossette* onde apoiara a bengala. Ora este S. Silvestre não é o papa, mas um mártir difícil de identificar e que foi relacionado com a cidade de Braga, como disse). Santa hispânica aqui venerada pode também ser considerada Santa Eufémia, mártir naturalizada hispânica e epónima dum lugar de Vila Franca<sup>14</sup>.

Tudo isto significa um culto diferente do culto às relíquias dos mártires que então estava generalizado entre o povo. É que, dos santos ocidentais, era proibido o tráfico de relíquias. Por outro lado, o conhecimento do martirologio hispânico pressupõe o interesse por ela e o estudo da realidade cristã local. Ora terão sido os monges que terão incutido

---

8. Real 1982.

9. Real 1982: 17.

10. Real 1982: 17.

11. Fernandes (1980): 7, 213; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, s.v. «Vila Franca», XXXV, 518a.

12. C. A. Ferreira de Almeida 1987: 40.

13. Fernandes (1980): 7, 211-212; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, s.v. «Vila Franca», XXXV, 518a.

14. Fernandes (1980): 7,189.

nas populações este outro tipo mais erudito, digamos, de cristianismo. Por outro lado, constatamos aqui uma cristianização relativamente remota, a partir do topónimo Santa Cruz, indiciador de um templo anterior ao século XI, já que, a partir do século XI, os templos dedicados a Cristo passaram à invocação de S. Salvador, e já não de Santa Cruz. (Remota, mas também persistente na invocação, já que, no lugar de Santa Cruz, foi, na época moderna, erigido um calvário, que deu origem ao topónimo actual que substituiu o outro).

Este alvéolo foi objecto de uma intensa apropriação por parte dos Suevos, como o atesta a toponímia local: Sabariz em Mazarefes/Vila Fria; Arijão, Tomom, Vermuim em Mazarefes; Fernande em Mazarefes/Vila Franca, que parece designar o suevo que se apropriou da passagem do Barco do Porto, que desde o período romano servia ali a via *Bracara Asturicam per loca maritima*, Gondufe, Guilhufe, Sernandes em Vila Franca; Baltar, Bertamil, Samonde, Sandim em Subportela<sup>15</sup>. Todos eles são topónimos designativos de senhores de origem sueva, o que nada tem de especial, a não ser a intensidade. São muitos, e a sua abundância coincide com a importância que este local tinha na época romana. É a referida passagem da via *Bracara Asturicam* [de Braga a Astorga] *per loca maritima*, uma variante da estrada por Ponte de Lima.

Interessantes são também os topónimos demonímicos (nomes de povos) e outros indiciadores de povoamento com gente estranha à região. Há um repovoamento, na época da Reconquista, com gente vinda de fora, e são eles: Galegos, como o atesta o topónimo «Galegos» em Deocriste<sup>16</sup>; Mouros transferidos para Norte pela Reconquista, como podemos inferir do topónimo «Mouros» também em Deocriste<sup>17</sup>, assim como do topónimo «Mazarefes» que deriva do nome árabe *muzajraf* que significa ornado, belo<sup>18</sup>; Francos em Vila Franca<sup>19</sup>. Portanto, Galegos, Mouros e Francos. Tudo isto teria acontecido ao tempo da Reconquista, que a historiografia moderna cada vez mais vai interpretando como um movimento de migração de povos.

A igreja, sita no lugar de Vila Franca ou, melhor, na fronteira entre o lugar de Vila Franca e Figueiredo, chamava-se igreja de S. Miguel de Figueiredo no século XIII, nas Inquirições de 1220 e 1258. No século XVI diz-se, nos censuais bracarenses, «Villa Franca alias Figueiredo». Aliás,

15. Fernandes (1980): 5; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, s.v. «Vila Franca», XXXV, 518a.

16. Fernandes (1980): 5, 201-202.

17. Fernandes (1980): 5, 204-205.

18. Serra 1967: 54-56.

19. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, s.v. «Vila Franca», XXXV, 518a.

na Inquirição dionisina de 1290, se lê «Freguesia de San Miguel de Figueiredo em no lugar que chamam Vila Franca»<sup>20</sup>. Hoje chama-se S. Miguel de Vila Franca, porque o lugar de Vila Franca confina com este. A igreja deve, talvez, ter mudado de lugar, do lugar de Figueiredo para o de Vila Franca, mas apenas por se ter refeito ao lado da igreja anterior.

2. A Senhora do Rosário, orago da festa principal desta freguesia e objecto da manifestação floral em análise, é uma devoção que se difunde e tem um crescimento muito grande a partir do século XVII. A oração do rosário é uma prática que se relaciona com os dominicanos, que a difundiram como tipo de oração própria deles, embora a prática de contar orações por um rosário de contas seja uma prática comum a vários outros povos. Os muçulmanos também têm uma espécie de rosário. Entre os cristãos, há vários sistemas de contas. Por exemplo, o rosário franciscano é de 72 contas, o de Nossa Senhora das Dores (chamado «Coroa») tem 60, o do Coração de Jesus («Coroinha») 25, etc. Os Dominicanos estabeleceram, porém, um rosário de 150 contas, correspondentes a 150 ave-marias divididas por três terços. E assim o compõem 50 rosas brancas que são os mistérios gozosos, 50 rosas encarnadas que são os mistérios dolorosos e 50 rosas douradas que são os mistérios gloriosos. Como cada uma destas orações é uma ave-maria, elas são 150 para fazer paralelo com os salmos que são também 150. Foi este o rosário que mais se difundiu e de que o povo reza o «Terço», instrumento e prática de piedade que consiste na reza de um grupo de 5 mistérios e 50 ave-marias, rigorosamente 1/3 do Rosário. Como se depreende, cada uma das 150 ave-marias é chamada uma «rosa»<sup>21</sup>.

É que a rosa funciona como algo de belo que se dá a quem se ama, como era costume entre os Romanos dar-se aos heróis que se admirava. Como aos atletas também se davam coroas de rosas. Era costume também pôr rosas nos túmulos, rito a que chamavam *Rosalia*<sup>22</sup>. Assim o vemos na *Eneida* de Virgílio, onde se diz, no canto V, que Ascânio, filho de Eneias,

e concilio multis cum millibus ibat  
ad tumulum, magna medius commitante caterua  
hic [...]  
[...]  
purpurosque iacit flores [...]

(*En.* V, 66-68.70)

20. Costa 1959: II, 147-148.

21. Reis 1967: 520-521.

22. Chevalier e Gheerbrant 1969: 823b.

Por isso o gosto pela rosa e a rosa como símbolo de belo e de carinho se mantêm, e por isso as ave-marias são chamadas rosas e o conjunto das 150 ave-marias «rosário».

Dizia que a devoção à Senhora do Rosário se difundiu a partir do século XVII. Isto porque, em 1571, no dia 7 de Outubro, os cristãos travaram uma importante batalha contra os Turcos. O papa S. Pio V, que era dominicano, apelou a que se rezasse o Rosário à Virgem, pedindo-Lhe que protegesse as armas cristãs. A vitória de Lepanto foi uma daquelas vitórias inesperadas e estrondosas. E, a partir daí, o dia 7 de Outubro passou a ser o dia da Senhora do Rosário. (É notável a coincidência de a vitória de Lepanto se poder relacionar com a oração do Rosário e isto ter acontecido com o Papa S. Pio V, que como disse, era de origem dominicana). Depois, o Papa Gregório XIII instituiu a festa da Senhora do Rosário. Clemente VIII introduziu-a no calendário litúrgico. O papa Inocêncio XI passou-a para o primeiro domingo de Outubro. Mas S. Pio X voltou a colocá-la no dia 7 de Outubro. Entretanto, o Papa Leão XIII fizera do mês de Outubro o mês de Nossa Senhora do Rosário e introduzira na ladainha lauretana a invocação «Rainha do Sacratíssimo Rosário, rogai por nós»<sup>23</sup>.

Mas há outra razão para conferir ao mês de Outubro toda esta importância mariana. Se se reparar no calendário litúrgico, em todos os meses há uma invocação de Nossa Senhora, excepto em Maio e Outubro (em Janeiro é Santa Maria Mãe de Deus, em Fevereiro é a Purificação de Nossa Senhora, em Março é a Anunciação, em Julho era a Visitação, em Agosto é Santa Maria das Neves e/ou Santa Maria Maior, em Setembro é a Natividade, em Novembro é a Apresentação, em Dezembro é a Senhora do Ó, e depois o Natal. E os meses de Abril-Maio-Junho e o mês de Outubro ficavam desligados da tópica mariana. Por isso, desde cedo os Papas recomendaram que durante o mês de Maio e o mês de Outubro se rezasse a ladainha lauretana. E por isso, quando apareceu um acontecimento como o da batalha de Lepanto, os Papas fizeram força para que o mês de Outubro fosse consagrado a Nossa Senhora do Rosário.

Temos aqui, em Vila Franca, como em tantas outras terras, uma Senhora do Rosário. Só que não é venerada em Outubro, mas é venerada em Maio. O mês de Maio, um daqueles meses que não tinha uma invocação mariana especial, era, porém, um mês que desde os tempos do paganismo estava muito ligado ao culto das flores. Eram as *Floralia* romanas, festas em honra de Flora, que era coroada de grinaldas de flores

---

23. Reis 1967: 522.

e assim os pagãos a veneravam. Estes rituais incluíam até práticas orgiásticas, de que derivaram alguns aspectos das nossas festas<sup>24</sup>.

Ora, o costume, que nós temos, de colocar um ramo de giesta à porta da casa no 1.º de Maio é outro rito floral que converge com esta e outras práticas semelhantes, como o rito de pôr flores nos túmulos de que falei e os ritos florais em honra de Santa Cruz<sup>25</sup>. Mas o que nós temos, no caso de Vila Franca, é uma convergência de práticas e ritos, já que não podemos simplisticamente filiar as Festas das Rosas nas *Floralia*. Estas eram festas em honra de Flora e eram festas relacionadas com a fecundidade. Também com isto não podemos relacionar o costume das giestas, porque a aposição de giestas era um rito de carácter apotropaico. Mas podemos, por isso, relacioná-las, melhor, com o mito de Valpurgis, a deusa germânica em benefício da qual era preciso exorcizar as bruxas, para ela se poder manifestar e beneficiar as pessoas<sup>26</sup>. Com efeito, quando as pessoas põem um ramo de giestas à porta da casa, é para a proteger das bruxas, das feiticeiras, do Maio, da mesma maneira, como diz o povo, que se fez quando se apôs uma giesta na porta da casa de Nossa Senhora, para a proteger da entrada dos judeus que vinham mata o Menino<sup>27</sup>. Temos, portanto, este conjunto de festas florais que se localizavam na Primavera; temos a tradição de oferecer rosas às pessoas amigas, no caso a Nossa Senhora; a de rezar ave-marias, também rosas. Por isso era natural que houvesse uma tendência para ocupar, com esta devoção a Nossa Senhora, o mês de Maio.

Aqui ainda há um outro aspecto que converge, que é o culto a Santa Cruz, que em Vila Franca remonta à alta Idade Média, como acima disse. O culto a Santa Cruz foi depois derivado para o culto da Paixão, do Calvário. Mas todos os ritos florais que estão ligados a Santa Cruz sobrevivem hoje na Festa das Cruzes em Barcelos e, mais perto de nós, nos andores floridos de Alvarães.

3. Eles foram, em Vila Franca, projectados na Senhora das Rosas, por a Senhora das Rosas ser a padroeira da Confraria do Rosário, que foi instituída em Vila Franca pelos dominicanos de Viana do Castelo. Ora os dominicanos fizeram, precisamente, convergir todo este culto floral na recém-criada Confraria da Senhora do Rosário. Por idênticas razões, na fronteira freguesia da Meadela, do outro lado do rio, a festa

---

24. Peixoto 1894: 56.

25. Oliveira 1958: 97-102, 105-106.

26. Oliveira 1958: 105, apesar de Peixoto 1894.

27. Oliveira 1958: 98.

da Senhora do Rosário tradicionalmente se tem localizado no mês de Maio<sup>28</sup>. Em Santa Marta, era também em Maio a festa de Nossa Senhora do Rosário (que um magnate local, salvo de um incêndio, passou a custear) sob a invocação de Senhora do Livramento. Nela, ricos e belos cestos de flores eram levados por mordomas para serem utilizadas na decoração do arco da festa<sup>29</sup>. Identicamente, em Maio se faziam oferendas de flores à Virgem, além da Meadela e de Santa Marta, em Perre, Outeiro e Serreleis e, com uma expressão em parte diferente embora, em Meixedo<sup>30</sup>. Também em Maio tem lugar a Festa das Rosas em Monção, festa mariana, em que as flores são transportadas em tabuleiros como oferta e atapetam as ruas por onde passa a procissão<sup>31</sup>.

De facto outras «aldeias limítrofes ou distantes» de Santa Marta, no dizer de Artur MACIEL, faziam à Virgem, em Maio, festas florais. E, por razões que têm muito a ver com a maneira portuguesa de estar no mundo, tem feito correr tinta o problema da origem destas festas, formulado precisamente sob a forma «onde teriam surgido pela primeira vez». Parece-me, porém, que, posta a questão nos termos em que aqui vem, o problema do ovo é o menos relevante. Que foi em Vila Franca que os cestos de oferendas atingiram a melhor expressão é indubitável. Nem precisa, para prestígio, esta ridente freguesia de deles reclamar a origem. Mas também o argumento de Artur Maciel — «íntima comunhão que se verifica entre o colorido vibrante do traje de Santa Marta e a garrida policromia desses maravilhosos cestos ornamentados»<sup>32</sup> — além de uma petição de princípio, peca por usar como análogos termos dialógicos do discurso. Portanto, é Vila Franca a terra dos cestos floridos.

Em Vila Franca, segundo os estatutos da Confraria do Rosário fundada em 1622, as mordomas eram obrigadas, sob pena de multa de um arrátel de cera, a levar flores ao altar de Nossa Senhora. Em Santa Marta, o despique entre as mordomas induziu o surto de «especialistas» neste tipo de decoração<sup>33</sup>. Em Vila Franca, foi o desejo de bem cumprir este voto que gerou natural despique entre as mordomas e fez com que o embelezamento dos cestos fosse progredindo até chegar às obras de arte dos nossos dias<sup>34</sup>.

---

28. Abreu 1992: 64.

29. Maciel 1969: 42a, 44b; Abreu 1990: 73.

30. Araújo 1935: 93,94.

31. Informação que agradeço a Maria Clara Luís.

32. Maciel 1969: 44b.

33. Maciel 1969: 44a.

34. Lima 1989: 11.





Arte floral: avental de traje à vianesa (pormenor)

O «culto da flor» é também uma tópica regional que se desmultiplica em vários géneros artísticos. São os bordados de Viana, onde sobressaem as japoneiras ou camélias, que são flores formalmente parecidas com as rosas. Flor artificial é o palmito. As flores são elemento decorativo essencial a todas as festas. Assim aparecem nos arcos de buxo ainda usados em Vila Mou, como antigamente em Santa Marta<sup>35</sup>, e nos que se vêem por todo o lado e em todas as festas como as de Vila Franca. De flores se atapetam as ruas, em festas como a do Corpo de Deus em Vila do Conde. As flores ornaram os aventais das lavradeiras no traje à vianesa, onde avultam rosas, camélias e outras flores. O palmito pode servir para decoração das casas, mas usa-se também para a decoração dos andores dos santos nas procissões, quando não se fazem mesmo andores floridos (com flores naturais), como acontece em Alvarães e em Anha. Mas por que se preferem, às outras flores, as rosas?

É que a rosa é, antropológicamente, um elemento da mitologia de todas as culturas. No Ocidente, onde é mais usada, representa aquilo que a flor de lótus representa no Oriente. A rosa representa, na Índia, a beleza

35. Maciel 1969: 42b-4.

da Mãe divina, a beleza sem defeito, e por isso na Índia simboliza a vida, a alma, o coração e o amor.

Os Rosacruzianos, seita esotérica ocidental, identificaram as rosas com o sangue de Cristo (cada gota de sangue seria uma rosa), depois com as chagas de Cristo e finalmente, em suma, a rosa acabou por representar o coração de Cristo. A rosa no centro de uma cruz, que é o símbolo dos Rosa-cruz, representa o coração de Jesus Cristo<sup>36</sup>. No *Roman de la Rose*, a rosa aparece como imagem da alma e também como imagem de Cristo. No *Livro de José de Arimateia*, o mundo, com a beleza da vida e os seus espinhos, é uma roseira; os profetas enviados por Deus são rosas, mas rosas que feneceram, porque «desceram aos infernos». Maria, mãe da Vida, é um botão de rosa, que nunca perdeu a beleza porque nunca desabrochou, já que foi virgem antes, mas também no e depois do parto<sup>37</sup>.

Mas este culto das rosas vem já da Antiguidade. Em *O Burro de Oiro* de APULEIO, o burro recupera a forma humana quando come a grinalda de rosas que o Sumo-Sacerdote ia oferecer a Ísis<sup>38</sup>. A rosa aparece aí, portanto, como símbolo da regeneração, símbolo da vida.

A rosa era branca, no início. Mas, quando Adónis foi ferido de morte, Afrodite foi em seu socorro; picou-se num espinho, e o sangue de Afrodite tingiu a brancura de Adónis. A rosa é, portanto, o símbolo do amor<sup>39</sup>. E podemos recordar GARRETT e a sua dialéctica das rosas e dos espinhos (na *Lírica de João Mínimo*<sup>40</sup> e nas *Folhas Caídas*<sup>41</sup>) ou das rosas e dos goivos<sup>42</sup>:

Correi sobre estas flores desbotadas,  
lágrimas tristes minhas, orvalhai-as,  
que a aridez do sepulcro as tem murchado.  
Rosa de amor, rosa purpúrea e bela,  
quem entre os goivos te esfolhou da campá?

A *rosa cândida* da *Divina Comédia* corresponde à Rosa Mística da ladainha lauretana, que nesta invocação converge com muitas outras ladainhas que chamam «rosa» à Virgem<sup>43</sup>. A rosa, como mistura de vermelho e branco, é mistura de alma e sangue, sagrado e profano.

36. Chevalier e Gheerbrant 1969: 822b-823a.

37. Martins 1975: 108-110.

38. Chevalier e Gheerbrant 1969: 823ab.

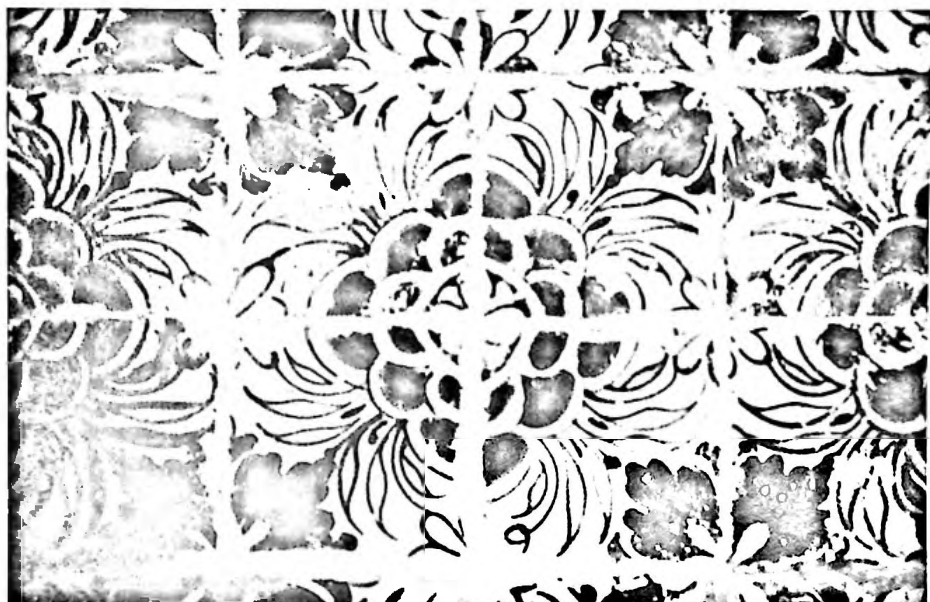
39. Chevalier e Gheerbrant 1969: 823b, 824a.

40. Garrett 1963: 82-83, 125-126.

41. Garrett 1963: 371-372.

42. Garrett 1825: 91.

43. Martins 1975: 188,288.



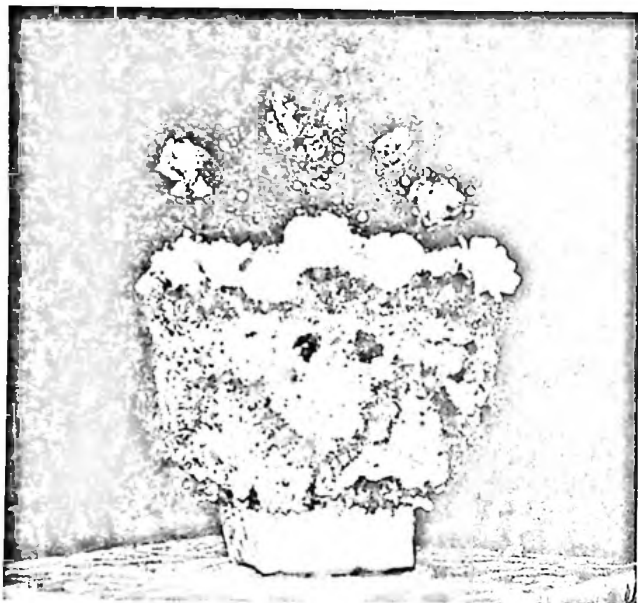
Arte floral: azulejos do século XVII com representação de rosas, da igreja de Vila Franca

Portanto, é um símbolo muito completo. E, por isso, é natural que a rosa tenha sido, de todas as flores, a preferida para ornamentações e para estas manifestações.

Em Vila Franca, a imagem da Senhora que decora a fachada da casa da Barrosa é uma Senhora do Rosário ornada com uma grinalda de rosas à maneira do século XVIII. Mas não devemos exagerar também o uso das rosas, porque muitas grinaldas de azulejos do século XVIII são feitas com outras flores. Portanto, se não há uma obsessão pelas rosas, é porque há uma intenção quando se as usa. E, assim passa a ter significado que os azulejos seiscentistas da igreja de Vila Franca representem rosas.

4. A arte da flor tem o seu apogeu nos cestos de Vila Franca. A massa do cesto é feita com uma planta local, a cicuta, que lá se chama «cegadas» e botanicamente se denomina *Conium maculatum* Lin. Ela constitui o fundo sobre o qual se «bordam» os motivos. A decoração dos mais simples é feita com sardinheiras, chorões e perpétuas brancas. Remata o cesto um ramo de rosas com vivaz a embelezar o *bouquet*<sup>44</sup>. Mas os cestos de

44. Cfr. Araújo 1935: 91-93.



Vila Franca: cesto primitivo, de cegadas com chorões e perpétuas brancas

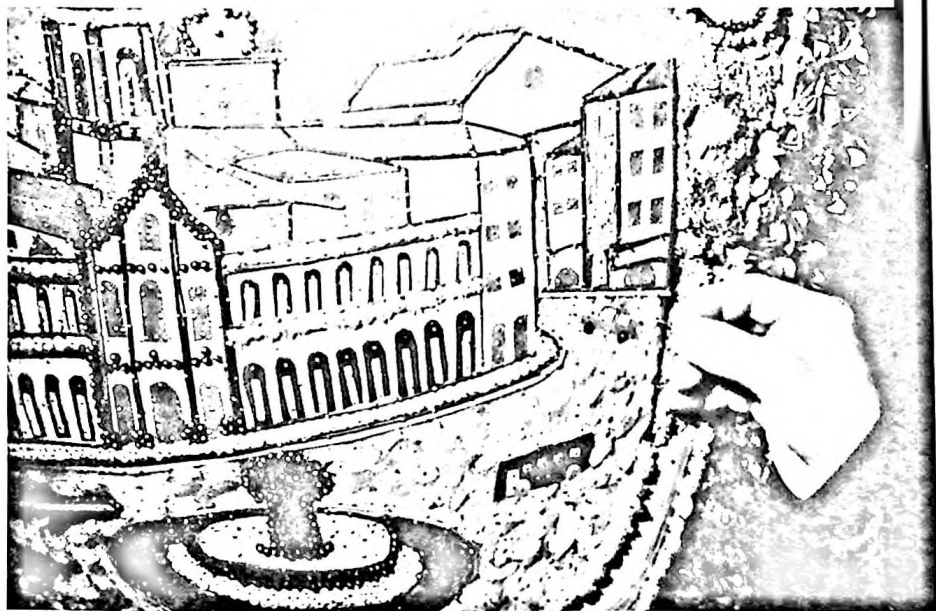
Vila Franca são, em geral, muito mais complexos. E, desde que assim fez o «bordador» Leonardo Lima podem ser feitos, não com cicuta, mas com trevo vermelho (*Trifolium incarnatum* Lin.), que não é de Vila Franca, e tem que ser adquirido em Anha. A quantidade usada é tanta, que um cesto chega a pesar 70 quilos.

Para além das flores, os cestos passaram a ser historiados com vários temas que se foram diversificando por uma questão de despique: cada mordoma queria fazer um cesto mais bonito que as outras. Sobre a superfície do bojo do cesto, ao princípio com um cibo de gravalha, hoje com um alfinete, fixavam-se pétalas de rosas, amores perfeitos, pampilhos, para a embelezar. Nos anos trinta, desenhavam-se no bojo dos cestos «grandes flores de fantasia, figuras geométricas dessas que ornamentam a cerâmica popular, motivos eucarísticos como o cálix, a cruz de Cristo ou flordelizada, a custódia, etc., sempre ladeados pelas iniciais da mordoma»<sup>45</sup>. Hoje, apenas com elementos vegetais, desenham-se vários aspectos da paisagem e duma iconografia de prestígio. Na figura junta, a igreja da Sra. da Agonia, que é o epónimo das festas da cidade, tem

45. Araújo 1935: 92-93.



Vila Franca: confecção dos cestos



Vila Franca: confecção dos cestos



Vila Franca: motivos dos cestos: capela da Senhora da Agonia

o céu feito com pétalas de rosa elisabete; as árvores do adro são folhas de cedro; a parede caiada é folhelho de milho; uma cercadura verde é feita de buxo; o branco prateado são vagens de giesta; pequenas esferas amarelas são feitas com capítulos de macela. Num cesto cujo tema é o Porto, o grafismo das letras adapta-se decorativamente ao próprio desenho, criando uma bordadura gráfica de muito belo efeito.

Outras vezes são temas locais, como a cidade de Viana do Castelo, também feita com elementos florais. Também Albufeira, do Algarve, a Ponte de D. Maria, no Porto, etc. Todo o País é objecto de representação floral. Como se vê, não há lugar para bairrismos nem chauvinismos.



Vila Franca — motivos dos cestos: Ponte D. Maria (Porto)

5. Está bem evidente, nesta arte local, a abertura da gente que a executa, não se tivesse salientado acima que o povoamento foi constituído com autóctones mais gente de fora, que passaram a viver em harmonia.

Mas também uma forma de exibição e de afirmação social. Cada mordoma procura fazer o melhor. Havia até um despique relacionado com a ordem de entrada na igreja, resolvido pelo P.<sup>o</sup> Quesado, quando a fez coincidir com a do compasso pascal. É, portanto, a grande abertura de espírito desta gente, aliada a uma procura da novidade e da originalidade que se materializa nestes belos cestos.

**Bibliografia:**

ABREU, Alberto A.

- 1986, *Vila Cova: a terra e o homem*, separata da «Barcellos-Revista», 3(1), Barcelos, A Guarita, 1989;
- (1987), *Darque na História*. «O Darquense», Darque, 0(1)-2(20), 1987-1989;
- 1987, *Aspectos da crise climática dos séculos XVI-XVIII no Noroeste de Portugal*, separata do t. x dos «Cadernos Vianenses», Viana do Castelo, s. n.;
- 1990, *Santa Marta de Portuzelo: a terra, as gentes, o grupo folclórico*, ed. comemorativa do 50.º aniv. do grupo Folclórico de Santa Marta de Portuzelo, Viana do Castelo, G. F. S. P.
- 1992, *25 anos duma vida de padre*, in «Padre Manuel José Vilar: 25 anos de sacerdócio», Viana do Castelo, comissão organizadora, pp. 47-89.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de

- 1990, *Proto-história e romanização da bacia inferior do Lima*, separata de «Estudos Regionais», 7/8, Viana do Castelo, Centro de Estudos Regionais.

ALMEIDA, C. A. Ferreira de

- 1978, *Castelologia medieval de Entre-Douro-e-Minho, desde as origens a 1220*, trabalho complementar para doutoramento em História da Arte, Porto.

ARAÚJO, José Rosa de

- 1935, *Os cêstos de mordomas*. «Alto Minho», Viana do Castelo, 1 (1), pp. 91-94.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain

- 1969, *Dictionnaire des symboles*, ed. revista e aument., col. «Bouquins», Paris, Robert Lafont/Jupiter, 1982.

COSTA, Avelino de Jesus da

- 1959, *O bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*, 2 vol., Coimbra, Faculdade de Letras.
- 1965, *Liber Fidei Sanctae Bracaraensis Ecclesiae*, org. Avelino de Jesus da Costa, separata de «O Distrito de Braga», 3 tomos, Braga, Junta Distrital, 1965-1990

CUNHA, M. Pereira da

- 1989, *O Monte do Santinho e a Citânia de Roques*, in «Festa das Rosas...», Viana do Castelo, s.n., pp. 35-49.

FERNANDES, A. de Almeida

- (1980), *Toponímia vianense*. «Cadernos vianenses», Viana do Castelo, 4, 1980, pp. 256-313; 5, 1981, pp. 139-206; 6, 1982, pp. 277-347; 7, 1983, pp. 184-233.



## GARRETT, Almeida

- 1825, *Camões: poema em dez cantos*, ed. Augusto César Pires de Lima, col. «Portugal» n.º 31, Porto, Domingos Barreira, s.d.
- 1963, *Lírica completa*, «Biblioteca Arcádia de Bolso», n.º 15/16, Lisboa, Arcádia.

## GOMES, Carlos

- 1990, *Os prodigiosos cestos de Viana: quatro arrobas de flores!* «JN/D: Jornal de Notícias», Porto, 25, 1990 Junho 03, pp. 12-16.

## LIMA, Floriano

- 1989, *Festa das Rosas: algumas achegas para a sua história*, in «Festa das Rosas», Viana do Castelo, s.n., pp. 11-12.

## MACIEL, Artur

- 1969, *A festa de Nossa Senhora do Livramento em Santa Marta de Portuzelo: tradição dos cestos de mordomas no concelho de Viana do Castelo*. «Boletim da Academia Portuguesa de Exlibris», Lisboa, 14 (47), pp. 41-48.

## MARTINS, Mário

- 1975, *Alegorias, símbolos e exemplos morais da Literatura Medieval Portuguesa*, 2.ª ed., Lisboa, Brotéria, 1980.

## NEVES, L. Quintas

- 1959 *O Castro do «Santinho» ou Roques no termo de Viana do Castelo*, separata das Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, s.n.

## OLIVEIRA, Ernesto Veiga de

- 1958, *O primeiro de Maio*, in «Festividades cíclicas em Portugal», col. «Portugal de Perto» n.º 6, Lisboa, Dom Quixote, 1984, pp. 97-107.

## PEIXOTO, Rocha

- 1894, *As maias*, in «Etnografia portuguesa: obra etnográfica completa», ed. Flávio Gonçalves, col. «Portugal de Perto» n.º 20, Lisboa, Dom Quixote, 1990, pp. 51-56;

## REAL, Manuel Luís, e outros

- 1982, *As covas eremíticas de Sabariz: Vila Fria, Viana do Castelo*. «Minia», Braga, 2.ª sér., 5 (6), pp. 5-30.

## REIS, Jacinto dos

- 1967, *Invocações de Nossa Senhora em Portugal d'aquém e d'além mar e seu padroado*, s.l., s.n.

## SERRA, Pedro Cunha

- 1967, *Contribuição topo-antroponímica para o povoamento do Noroeste peninsular*, «Publicações do Centro de Estudos Filológicos» n.º 16, Lisboa, I.A.C.